

Agarrados

Em cerca de metade das cidades analisadas, a diferença entre os preços mínimos e máximos encontrados é inferior a 1 euro. Sem alternativa, os consumidores estão nas mãos das empresas

O gás ainda é a energia mais usada em Portugal para cozinhar e aquecer a água nos lares. Dos diferentes tipos de gás, as botijas de butano são as mais usadas. Em 2010, 70% dos lares nacionais tinham gás de botija e a maioria usava o butano, segundo dados do INE. Embora nos últimos 2 anos tenha aumentado a quantidade de utilizadores de gás natural, as botijas ainda continuam a ser uma constante na maioria das casas. Mas, apesar da sua maior utilização, também é a fonte de energia mais penalizadora para os consumidores no que toca a custos e aumentos. Ao compararmos o custo por kWh dos clientes de gás natural com os que usam gás butano verificamos que, na última década, os aumentos foram bastante superiores no último (ver infografia ao lado). Em 2012, o gás butano custava quase o dobro do gás natural.

Dado que a maioria dos consumidores que usam gás butano ou propano não têm possibilidade de passar para o gás natural, ficam sujeitos aos preços praticados por cada comercializador. Para verificarmos se era possível poupar na escolha da marca e da loja, dado a definição dos preços ser livre, pesquisámos os custos das botijas de gás butano e propano em 18 capitais de distrito e no Funchal. Verificámos que, embora haja diferenças entre regiões do País, numa mesma cidade a variação entre os preços mínimos e máximos que encontramos oscila entre poucos centimos (Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra e Évora) e cerca de 4 euros, como verificámos nas cidades de Lisboa e Setúbal. Com base nos resultados obtidos só podemos concluir que o consumidor terá dificuldade em descobrir preços mais vantajosos e poupar perto do local onde mora. »

COMPARÁMOS MAIS DE 500 PREÇOS

Em fevereiro, recolhemos preços de gás de botija (butano e propano) em 329 estabelecimentos nacionais. Visitámos postos de venda de combustível, supermercados, mercearias e lojas da especialidade. A pesquisa ocorreu em 18 capitais de distrito do continente e no Funchal. Nos Açores, o preço máximo do gás butano, o mais usado, é definido pelo Governo (€ 18,33 a botija de 13 kg).

4 MARCAS VISADAS

Pesquisámos os preços das marcas mais representativas em Portugal: Galp, BP, Repsol e OZ Energia. Quanto ao gás, abrangemos os tipos e capacidades mais comuns, ou seja, butano em botijas de 13 kg e propano em garrafas de 45 kg. Os preços referem-se a valores para entrega na loja e não ao domicílio (regra geral, um pouco mais caro).

Consumo

Para compararmos o custo do gás natural com o do butano engarrafado, convertemos os preços numa mesma unidade de energia (kWh) recorrendo ao PCI (poder calorífico inferior) de cada gás.

Euros/kWh

Gás butano
garrafa 13 kg

€ 0,0733

0,0169
euros

€ 0,0564

Gás natural

2002

2003

à botija

idores sem escolha



PROTESTE ENTREVISTA EM 60 SEGUNDOS

“Há uma estranha harmonização de preços”

Vitor Machado
Responsável pelo Centro de Competências Produtos e Serviços



Com base nas diferenças de preços encontradas, podemos afirmar que existe uma cartelização entre as marcas que vendem gás de botija?

Com base nos dados que dispomos de momento, não conseguimos provar que existe uma cartelização. Contudo, é inegável que encontramos uma estranha harmonização regional nos preços. A fotografia deste estudo revela que, numa boa parte do País, as 4 marcas analisadas têm um comportamento muito sincronizado ao nível regional. Explicar este fenómeno com os custos de transporte ou distribuição não é suficiente, dado que os principais pontos onde se armazena e enche botijas de gás em Portugal são Sines, Aveiras e Matosinhos, mas Setúbal e Évora são as cidades mais caras.

O gás de botija não faz parte dos serviços públicos essenciais. Esta é uma situação adequada?

Não, porque não faz sentido o gás natural

sê-lo e o de botija, que é usado com a mesma finalidade, ou seja, aquecer água e cozinhar, não o ser. Independentemente do modo como é comercializado (canalização ou botija) não podemos aceitar que produtos com fins idênticos tenham interpretações diferentes. Sem esquecer que existem 70% de lares nacionais dependentes desta fonte energética. Na verdade, esta situação cria um fosso que não podemos aceitar entre consumidores de primeira, com acesso ao gás natural, e consumidores de segunda, que estão sujeitos a recorrer ao gás de botija. Daí defendermos a criação de um instrumento legal que aceite o gás engarrafado como serviço de interesse geral, mas vá mais longe e garanta o cumprimento dos princípios de acessibilidade, qualidade, equidade e proteção dos interesses económicos dos consumidores, como ocorre com os serviços públicos essenciais. Só assim se garante a proteção dos utilizadores, como noutros serviços essenciais.

»

Gás mais caro no Alentejo

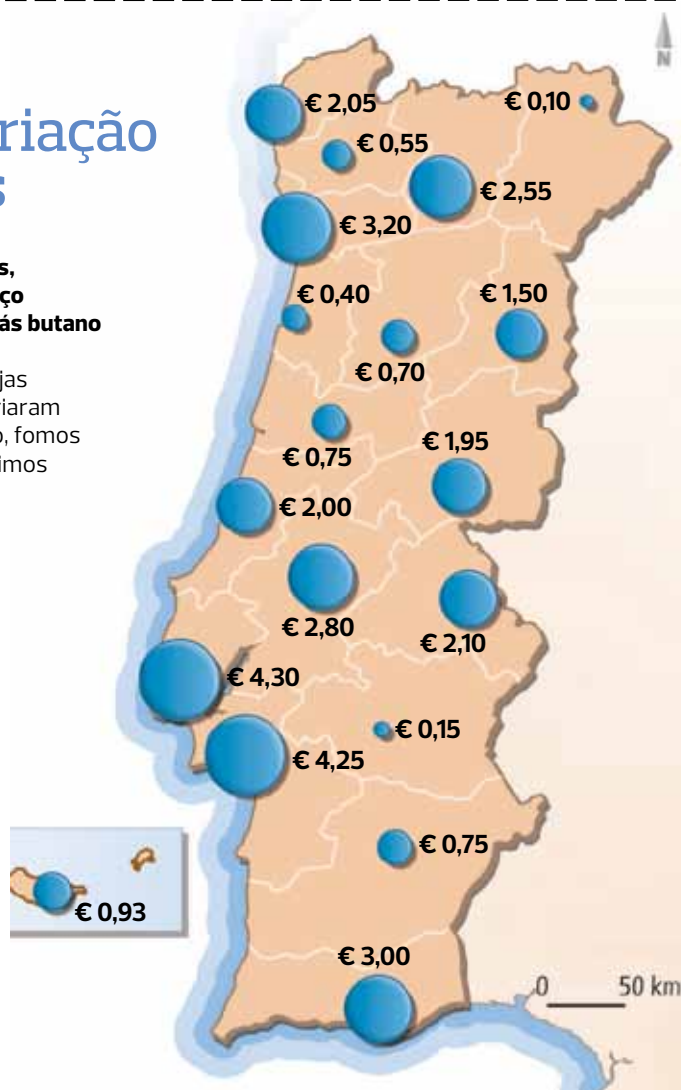
Os preços recolhidos revelam algumas diferenças entre regiões. No sul, sobretudo no Alentejo, o gás de botija é mais caro do que no restante País.

No Norte, encontrámos os preços mais baixos. Nas cidades analisadas, a diferença máxima no preço médio, para o gás butano, ronda os € 4, sendo Évora a cidade mais cara e Vila Real a mais barata. Apesar de o montante não parecer significativo, se considerarmos um consumo de 12 botijas por ano, um consumidor de Évora paga mais € 49 anuais do que quem vive em Vila Real. Contudo, não encontramos razões de logística ou outras que justifiquem estas diferenças entre o norte e o sul do País. Mais estranho é quando comparamos os preços dentro da mesma cidade, nas quatro principais marcas, e verificamos que, em cerca de metade das localidades, a variação do preço do gás butano não ultrapassa 1 euro. Por exemplo, no caso de Évora ou Beja, além de terem os preços mais elevados do País, o consumidor não encontra diferenças no preço final inferiores a € 0,15 e € 0,75 respetivamente. Ou seja, existe maior variação de preço entre diferentes zonas do País do que dentro

Pouca variação de preços

Em metade das cidades, a diferença entre o preço mínimo e máximo do gás butano é inferior a 1 euro.

Em Bragança, das 16 lojas visitadas os preços variaram 10 cêntimos. Em Aveiro, fomos a 19 lojas e só conseguimos poupar 40 cêntimos.



de uma mesma cidade. O mesmo cenário ocorre com o gás propano.

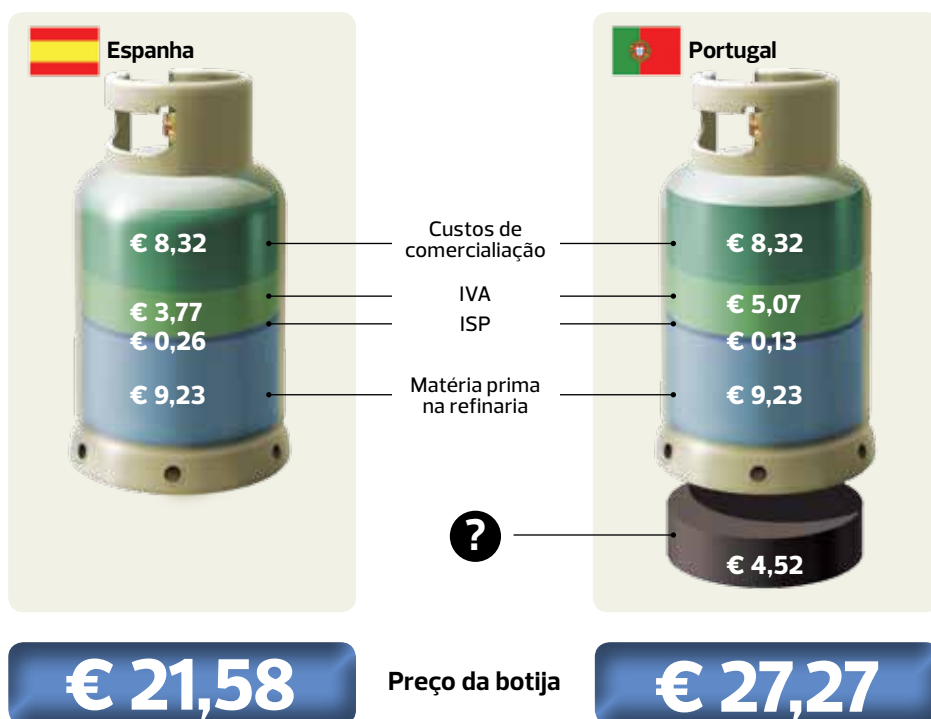
Ao compararmos Aveiro com Coimbra, por exemplo, constatamos que, na última, as botijas de gás butano custam, em média, mais € 1 do que na primeira. Mas, dentro destas cidades, nos 19 locais visitados em Aveiro e nos 15 em Coimbra, só encontramos uma variação entre o preço mínimo e máximo de € 0,40 em Aveiro e € 0,75 em Coimbra. Como os estabelecimentos são de diferentes marcas, podemos afirmar que o consumidor terá dificuldade em encontrar alternativas mais em conta numa mesma cidade. Mais: os habitantes de Coimbra não vão a Aveiro comprar botijas, ficam sujeitos aos preços praticados na região. As conclusões são as mesmas para o gás propano.

Parcela obscura no preço

Os resultados obtidos levaram-nos a procurar informação que explique quais as parcelas que compõem o valor cobrado pelo gás butano, o mais usado. Dada a importância desta fonte de energia no contexto nacional, os consumidores têm de saber o que estão a pagar. Mas, além do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA), de 23%, e do Imposto Sobre os Produtos Petrolíferos (ISP), de € 0,00799 por kg, pouco existe para explicar os valores cobrados. Para encontrar uma explicação, comparámos com o exemplo espanhol, onde o preço máximo de venda do gás butano é fixado e a composição do valor final é muito clara e conhecida. Perante dois mercados com estruturas e maturidade de funcionamento semelhantes, aplicámos a mesma composição do preço no caso nacional. Considerámos os impostos definidos em Portugal e a informação sobre o custo da matéria prima e de comercialização disponíveis, para sermos o mais corretos possível. Os dados são de março de 2013. Como em Espanha as botijas têm 12,5 kg, adaptámos os valores para serem comparáveis aos das botijas de 13 kg portuguesas. A imagem desta página ilustra as nossas conclusões. Na prática, verificámos que os portugueses pagam uma parcela, que ronda os € 5 por botija, que deve ser explicada. As diferenças ao nível técnico do gás e do vasilhame não justificam esta diferença de valores. Dados os mais de 2 milhões de lares agarrados à botija, importa esclarecer a que se deve a parcela extra na composição do respetivo custo. Até obtermos explicações, vamos continuar a investigar os preços. ●

PARCELA MISTERIOSA NO PREÇO NACIONAL

Composição do preço da botija em Portugal e Espanha revela uma parcela inexplicável.



Composição do preço da botija é um mistério em Portugal

Consumidores exigem



As conclusões deste estudo levam-nos a exigir à Autoridade da Concorrência uma nova investigação aprofundada ao mercado do gás engarrafado, para apurar o real grau de concorrência, com propostas de medidas corretivas. Sem esquecer a composição do preço que leva a que os consumidores portugueses paguem um preço muito superior ao cobrado em Espanha.

As competências de supervisão técnica e económica estão atualmente dispersas entre a Direção Geral de Energia e Geologia e o Instituto da Mobilidade e dos Transportes Terrestres. O Ministério da Economia deveria agrupar estas competências numa única entidade. Defendemos ainda uma aproximação e uniformização técnica deste tipo de gás nos dois lados da fronteira, para permitir um mercado verdadeiramente transfronteiriço que visa beneficiar os consumidores ibéricos.

Para permitir que os consumidores tenham mais hipóteses de escolha, a Entidade Reguladora dos Serviços Energéticos deve promover o alargamento do abastecimento de gás natural em Portugal em condições de viabilidade económica. Este é um passo importante para acabar com as assimetrias nacionais.

É ainda importante que o Governo aproxime o regime jurídico do gás engarrafado ao dos serviços públicos essenciais, reconhecendo o gás de botija como um serviço de interesse geral.

Dado o gás ser a única fonte de energia à disposição de muitos consumidores para aquecer água e cozinhar, é fundamental baixar a taxa de IVA. Não faz sentido cobrar 23% num bem tão fundamental para a vida diária dos consumidores.